

# NOUTROS LUGARES

**Paulo Alexandre Pereira\***

Integrado na seção americana de *Peregrinatio ad loca infecta*, “Noutros lugares” pode bem ser lido como texto modelar dessa poética de circunstância que Sena programaticamente subscrevera, por interposta epígrafe de Goethe, logo em *Pedra Filosofal* (1950). De facto, não escasseiam nele indícios que convidam à sua instanciação parabiográfica, desde a menção expressa da data e lugar de composição (Madison, 21/1/1967) à sentida evocação da experiência de nostalgia e desenraizamento, consonante com as várias leituras que, no texto, têm destacado a dramática condição de exilado da *persona loquens*, de que constituiria um manifesto exorcizante sob espécie lírica. Prosseguindo uma linha hermenêutica acolhida por vários leitores que me precederam, seria esta, então, ainda uma outra *elegia da pátria*, de entre as inúmeras que, quase sempre em registo de ressentida amargura, Sena foi compondo no decurso do périplo jornadeante que lhe coube em sina. A esta contemplação melancólica, de prescrição elegíaca, não faltam sequer os ecos retóricos do tópico clássico do *florebat olim* que convencionalmente tonalizam o inventário da perda degradadora e decetiva pressuposto pelo género: “É que as maneiras, modos, circunstâncias/ mudam. Desertas ficam praias que brilhavam/ não de água ou sol mas solta juventude./ As ruas rasgam casas onde leitos/ já frios e lavados não rangiam mais./ E portas encostadas só se abrem sobre/ a treva que nenhuma sombra aquece.”

Contudo, como também aqui acontece, não é raro que, em Sena, os poemas se esquivem a uma confinante vocação testemunhal e, em imponderável e translata revelação, passem a iluminar também *outros lugares*, já distantes da vida de quem os escreveu. A eles regressarei.

A dicção é inconfundivelmente a do poeta de *Metamorfoses*. Dilatando, pela propagação da sintaxe subordinante, o verso, quebrando-o imprevistamente e

sujeitando-o ao violento contorcionismo do anacoluto, o poema desenvolve-se como débito perifrástico e cicunloquial, tornando nítida a prioridade raciocinante de quem o enuncia. Longe de evitar a impureza elocutória do seu discurso, este sujeito alterna entre a perscrutação introversiva, o *pathos* confitente e a deriva filosofante, num duplo movimento, primeiro denegativo (“Não é que...”), e, logo depois, explicativo-assertivo (“É que”).

Cedo se torna evidente que não é o tropismo do espaço – ainda que cataforicamente consignado no título – que realmente impulsiona a reflexão deste analista angustiado do efeito erosivo que o tempo exerce sobre os lugares e, mais importante, sobre quem os habitou. É, pois, mais rigorosamente, a intimação de mortalidade pressentida em todos os sítios, a sombra de solidão e morte que neles insidiosamente germina, que parece obcecá-lo. Com Foucault, poderia dizer-se que, neste poema, as heterotopias são heterocronias, porquanto os lugares parecem corresponder bem menos a um espaço do que a um tempo – o tempo da sua ocupação efetiva (e afetiva) pelo sujeito e pelos outros que, com ele, neles coincidiram. Os lugares surgem agora refratados pela lente melancólica de quem, no presente, testemunha a sua irremediável deserção, consciente de ser irrepetível o que neles se viveu, por simplesmente não rimarem os tempos nem as pessoas. Hoje, despovoados, não são mais do que vestígio eutópico de um tempo extinto: “É que os lugares acabam, / ou ainda antes de serem destruídos, as pessoas somem”. Não se trata, ainda assim, de enunciar uma ingénuo vontade regressiva, até porque a “ciência refinada e sábia” que o tempo “afina e apura” – arte do fingimento, tão tragicamente distante da gaia (ins)ciência que era a de não conhecer ainda – não aplaca a consciência magoada da insustível impermanência dos lugares e dos seres.

E regresso aos outros lugares que este poema de Sena (me) iluminou. *Omnia mutantur, nos et mutamur in illis*: é este o aviso, de ressonâncias heraclitianas, que, nas suas palavras, sempre me pareceu ressoar e que explica a nota de melancolia neomaneirista com que encerra, expressa nesse “medo

de que a vida seja isto: / um hábito quebrado que se não reata, /senão noutros lugares que não conheço”. É que, como prescientemente já intuía o prodigioso Físico da novela, “nunca sai certo o momento a que se volta”, restando-nos aprender com o lastro dissolvente do tempo a arte triste da despossessão. E, apesar disso, insistir em viver. Porque “ Há que deixar no mundo as ervas e a tristeza, / e ao lume de águas o rancor da vida.”

---

\* Licenciado em Português/Inglês (Universidade de Aveiro, 1990), mestre em Literatura Comparada (Universidade Nova de Lisboa, 1996) e doutor em Literatura (Universidade de Aveiro, 2005). Exerce funções como professor auxiliar no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, onde, desde 1991, tem lecionado várias disciplinas de licenciatura, mestrado e doutoramento na área da Literatura Portuguesa e desenvolvido atividades de investigação no domínio dos Estudos Literários. É investigador no Centro de Línguas, Literaturas e Culturas, da Universidade de Aveiro.